

BRASA – Brasília, 2010

A esquerda americana e o Brasil -1960-1970

Cecília Azevedo

No ainda pouco desenvolvido campo dos estudos norte-americanos no Brasil, a história da esquerda ou daquilo que se poderia chamar mais amplamente de tradição de dissenso político atraiu minha atenção há alguns anos. Associado a isso, no plano das relações interamericanas tenho tentado investigar a ação de círculos políticos e intelectuais nos EUA, que nas margens das iniciativas oficiais ou contra elas, tenham conseguido estabelecer relações com indivíduos e organizações latino-americanas, construindo um horizonte de identificação e reconhecimento e não de assimetria e desrespeito, como genericamente são configuradas as narrativas sobre essas relações no plano interestatal¹.

Como a pesquisa sobre a esquerda norte-americana é praticamente inexistente no Brasil, assume-se com frequência sua irrelevância, alegando-se que teria se restringido a partidos minúsculos, dependentes de Moscou, ou a agremiações sindicalistas anarquistas lideradas por imigrantes, descoladas, portanto, da vida social e política nacional, sem qualquer impacto dentro e muito menos fora dos EUA. No entanto, é preciso lembrar que a esquerda americana, mesmo a chamada velha esquerda, esteve sempre associada a uma tradição nativa de dissenso, que podemos denominar de liberalismo radical. A precedência do bem comum sobre o individual, a construção de uma ordem cooperativa através de mecanismos de discriminação positiva que, em última instância, representam uma reforma do sistema econômico e social com base em princípios morais distintos da tradição puritana, constituem os pilares de uma heterodoxia liberal cuja história é negligenciada entre nós.

Entre os vários autores que defendem essa perspectiva abrangente, Martinot arrola movimentos sociais de natureza diversa nos EUA – sindical, pelos direitos civis, pacifista, feminista, ambientalista, etc — cuja marca fundamental seria produzir

¹ Nesse sentido, o trabalho vai na direção contrária da defendida por Feres Jr, J. A história do conceito de Latin America nos Estados Unidos. Bauru, SP, EDUSC, 2005

sentidos alternativos de cidadania com base na democracia participativa². Valendo-se de tradições e práticas intelectuais passadas, mas reinventando-as, identificaram novos problemas, desenvolveram novos conceitos e lutaram pela preservação da participação nos espaços públicos. Partidos, movimentos, formas de comunicação e de relação interpessoal, papéis sexuais e modelos alternativos de expressão política foram criados e difundidos, a partir de atos de resistência que exigiam construir um espaço inexistente, onde fosse possível vivenciar o que era demandado. Nesse processo, novas linguagens e novos sentidos de identidade e de comunidade foram produzidos, o que equivaleria à emergência de uma cultura política alternativa.³

Tanto entre autores que trabalham com a história da esquerda quanto entre aqueles dedicados à história do liberalismo têm surgido a tendência de associação dessas correntes, como é o caso de Richard Rorty⁴, Kevin Mattson⁵ e Gary Gerstle⁶. Este último considera que o liberalismo norte-americano adquiriu um sentido social que favoreceu, em alguns momentos, a construção de pactos políticos mais amplos em prol de reformas do sistema social e econômico. O liberalismo estadunidense teria assim a marca da plasticidade, admitindo, desde o New Deal, a regulação estatal e a relativização de princípios clássicos, como o do *laissez faire*, em benefício da justiça e igualdade social. É a esse tipo de liberalismo, com sentido marcadamente nativo, que Mattson prefere designar como liberalismo radical, “liberalismo de esquerda” ou “radicalismo democrático”. Este autor defende que a cisão entre radicais⁷ da nova esquerda e liberalismo nos anos 60 não era inevitável. Ao lado do “keynesianismo prudente” e tecnocrático que se estabeleceu com Kennedy, continuava existindo um

² “The Problems of Resistance: Studies in Alternate Political Cultures”. Steve Martinot & Joy James (eds). *Radical Philosophy Today*, vol.2. New York, Humanity Books, The Proceedings of the Radical Philosophy Association National Meeting, 1998.

³V. “The nature of resistance”, In: *The Problems of Resistance*, op.cit. Sem pretender estabelecer qualquer tipologia, James Jasper defende que movimentos de protesto são especialmente ricos por permitirem a elaboração de novos sentidos e perspectivas políticas, morais, cognitivas, emocionais. V. *The Art of Moral Protest: Culture, Biography and Creativity in Social Movements*, Chicago/London, The University of Chicago Press, 1997, pp.xii e xiii. O conceito de cultura política tem sido retomado pelos historiadores e empregado com o sentido de enfatizar a existência de culturas políticas plurais no interior das sociedades nacionais.

⁴ Rorty, Richard. *Para realizar a América: o pensamento de esquerda no século XX na América*. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 1999.

⁵ Mattson, Kevin. *Intellectuals in Action: The origins of the New Left and Radical Liberalism – 1945-1970*. Pennsylvania, Pennsylvania University Press, 2002.

⁶ Gerstle, Gary. “The Protean Character of American Liberalism”. In: *American Historical Review*, out 1994, pp. 1043-1073.

⁷ No vocabulário político, mas também no acadêmico, a designação radical é utilizada para qualificar projetos e movimentos que desafiam os limites da ordem capitalista, demandando mudanças pautadas nas idéias de igualdade e liberdade, compreendidas como algo além da virtual igualdade de oportunidades e dos padrões de comportamento, estratégias e formas de expressão políticas usualmente aceitos.

liberalismo de esquerda ou independente, que ecoava o espírito reformista da era do Progressivismo e de John Dewey e sua defesa de um “socialismo jeffersoniano” durante o New Deal. Essa tradição não teria se extinguido com o pessimismo e acomodação dos anos 50. Mattson se refere a um “radicalismo independente” que periódicos como *Liberation* e *Dissent* queriam ver reconstruído a partir do pensamento de Thomas Paine, do socialista Eugene Debs e de Martin Luther King, Jr. Uma versão comunitária do anarquismo era associada a um liberalismo humanitário e tolerante com vistas à criação de um novo caminho político, depois da decepção com o comunismo.

É significativo que Mattson tenha se valido da expressão “liberalismo radical” de Arnold Kaufman, intelectual que junto com Wright Mills mais influenciou a nova esquerda. Mattson lembra que Mills e Paul Goodman, outro intelectual do mesmo círculo, não rejeitavam os dois elementos básicos do liberalismo: o constitucionalismo e a democracia representativa. A participação na esfera pública – pedra angular da concepção de democracia da nova esquerda – poderia se realizar ao lado e por dentro dessa institucionalidade que representaria o bem comum⁸. A defesa de Kaufman de uma política de coalizão, também é destacada pelo autor. Dessa forma, em meio a projetos e percursos intelectuais plurais, com mudanças muitas vezes surpreendentes, o autor aponta elementos comuns, entre os quais se poderia destacar a perspectiva comunitária e o ativismo.

Ao recuperar a trajetória do liberalismo, Kloppenberg⁹ também destaca a influência de Dewey na produção de um sentido social para o liberalismo e um significado moral para o individualismo, equacionando igualdade e liberdade com uma ética de ação coletiva¹⁰. Por conta disso, tal como Mattson, o autor considera Dewey o “avô da nova esquerda”¹¹. Outras influências importantes seriam Henry Thoreau e William James, que com Dewey estabeleceu as bases do pragmatismo. Criador da Liga antiimperialista, James associou discussão filosófica e ativismo político, inspirando gerações posteriores de liberais a pensarem em modalidades de ação cívica que

⁸ Os arquitetos dos programas de desenvolvimento comunitário promovidos pelo *Office of Economic Opportunities* no contexto da Grande Sociedade podem ser tomados como exemplo desse tipo de disposição. Tratei desse caso em Azevedo, Cecília. “Guerra à Pobreza: EUA, 1964”. In: *Revista de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo*, n. 153, 2º semestre de 2005, pp.305-323.

⁹ Kloppenberg, James T. *The Virtues of Liberalism*. Oxford/New York, Oxford University Press, 1998.

¹⁰ Os livros de Dewey mencionados são *The Public and its Problems* (1927), *Individualism Old and New* (1930) e *Liberalism and Social Action* (1935).

¹¹ *Op.cit.* p. 146.

funcionassem como um equivalente moral da guerra¹². Nessa genealogia, seria possível incluir nomes do social gospel do início do século XX, que inclui nomes como Walter Rauschenbusch, autor de *Christianity and Social crisis* (1907) e William Dwight Porter Bliss, criador da Sociedade de Cristãos Socialistas¹³.

Com base nessa visão bastante plástica do que seria essa tradição de dissenso, considero um equívoco interpretar o interesse e as ações de diferentes grupos envolvidos com a América Latina como parte dos radicalismos que tiveram curso apenas nos anos 60, e portanto, como exceções que confirmam a regra, ou seja, a indiferença, quando não a repulsa em relação aos latino-americanos, o que justificaria o apoio tácito às políticas oficiais por parte da sociedade americana.

Do ponto de vista teórico, o trabalho se alinha com o que vem sendo conhecido como estudos pós-coloniais que, partindo da crítica da dicotomia centro versus periferia, enxergam e valorizam uma dinâmica simbólica muito mais complexa, na qual intercâmbios, apropriações e negociações revelam que as interferências não são unilaterais, mas alteram os diferentes agentes que participam em diversas modalidades de encontro e relações políticas e culturais.

Depois de ter trabalhado com o caso dos Corpos da Paz no Brasil¹⁴, intriguei-me com a trajetória posterior de alguns voluntários, que se envolveram em diferentes movimentos de dissenso a partir da segunda metade da década de 60 e atuaram em inúmeras organizações que surgiram a partir deste período envolvendo a América Latina. O estudo dessa experiência me aproximou do projeto de construção de uma história cruzada, transnacional, que realça tramas, redes que envolvem movimentos, organizações, intelectuais e ativistas das Américas, nos moldes do que se poderia chamar de “histórias conectadas”.¹⁵

Em meio à investigação de uma pequena organização chamada NACLA – National Congress on Latin America, surgida em 65, e de seu periódico *Nacla Report*, muito influente no âmbito dos interessados por uma visão de esquerda sobre a América Latina, chegou às minhas mãos o livro de James Green - *Apesar de vocês*, recém

¹² Tratei do pensamento e ação político de William James em Azevedo, Cecília. “Pelo avesso: crítica social e pensamento político-filosófico no alvorecer do ‘século americano’: William James e o Pragmatismo”. In: *Diálogos*. Revista do Departamento e História da Universidade Estadual de Maringá, vol. 7, Maringá, 2003, pp. 25-36.

¹³ Kloppenber, op.cit., p. 127.

¹⁴ Azevedo, Cecília. *Em nome da América: os Corpos da Paz no Brasil*. São Paulo, Ed.Alameda, 2007.

¹⁵ A expressão histórias conectadas foi proposta por Sanjay Subrahmanyam, historiador indiano. Ver a esse respeito Prado, Maria Lígia C. .”Repensando a História Comparada da América Latina”. *Revista de História (USP)*, v. 153, p. 11-33, 2005.

lançado no Brasil. Indo muito além de um artigo publicado anos antes¹⁶, e com base numa vasta pesquisa, que incluiu inúmeras entrevistas, inclusive com fundadores da Nacla, Green mapeou todo o campo das organizações dedicadas à América Latina e ao Brasil, em particular, confirmando todas as minhas suspeitas e me deixando com a sensação, boa por um lado e ruim por outro, de que o assunto estava inteiramente resolvido.

O livro demonstra de forma inequívoca que essas organizações que se estabeleceram no início da década de 60, embora diminutas, conseguiram confrontar a versão oficial do governo americano sobre o golpe militar no Brasil e consequentemente questionar seu apoio ao regime. Esse movimento – que reunia intelectuais, especialmente brazilianistas, religiosos – católicos e protestantes - dos dois países, exilados e também ex-voluntários da paz conseguiu mudar a imagem do regime brasileiro apresentada pela grande imprensa, a partir do momento em que passou a publicar as notícias sobre o arbítrio e tortura praticadas no Brasil documentadas pelo grupo. Esse movimento relacionado ao Brasil se constituiu em precedente importantíssimo para que o golpe no Chile fosse quase que imediatamente condenado pela mídia, pelo Congresso e pela opinião pública na década seguinte. Outro fruto desse processo foi finalmente conseguir influenciar parlamentares no sentido de estabelecer formalmente o respeito aos direitos humanos como condição para assistência militar ou econômica dos EUA.

A miríade de organizações surgidas nas décadas de 60 e 70 mencionadas no livro sugerem uma mobilização política em torno da América Latina no mínimo interessante pela sua pluralidade e suas interconexões. Organizações com abrangência regional ou focadas especificamente a um país específico, como o Comitê contra a Repressão no Brasil, o American Friends of Brazil, o American Committee for Information on Brazil. Ao conjunto da América Latina, além da Nacla são mencionadas diversas organizações, boletins e revistas¹⁷. Mesmo considerando que a maioria estava

¹⁶ Green, James. “Clergy, Exiles and Academics: Opposition to Brazilian Military Dictatorship in United States, 1969-1974.” In: *Latin America Politics and Society*, Spring, 2003, 45:1, pp. 87-117

¹⁷ USLA – US Committee for Justice for Latin American Political Prisoners, Tri-Continental Information Center; CALA – Community Action in Latin America; LAPAG - Latin American Policy Alternative Group; Committee on US-Latin American Relations – CUSLAR; LAGLAS – Los Angeles Area Group for Latin American Solidarity; LASC – Latin American Strategy Committee; CUSLAR – Committee on US Latin American Relations; URLA – União de Latino-Americanistas Radicais (formada no interior da Lasa em 1970); TOLA Theatre of Latin America; CICOP - Catholic Inter-American Cooperation Program

centrada no ambiente universitário com grande influência da New Left, como foi o caso da CALA, em Madison, a LAPAG em Austin, a CUSLAR em Cornell, vale considerar que a mobilização em torno da América Latina alcançava também um público não universitário graças à articulação com antigas organizações religiosas de âmbito nacional, católicas e protestantes, como o National Council of Churches e a United States Catholic Conference, que foram fundamentais para a ampliação da discussão para uma corrente que se poderia qualificar como liberal. O fato de que vários religiosos foram vitimados pelas ditaduras, latino-americanos mobilizou as lideranças religiosas. Por outro lado, a vanguarda católica latino-americana, que ganhou maior visibilidade depois do Encontro de Medellín, em 1968, estimulava o ativismo da esquerda cristã nos EUA. Os padres católicos latino-americanos, adeptos da Teologia da Libertação, pareciam desafiar o sistema social, político e religioso tanto quanto os radicais anabatistas do século XVI, reivindicados pelos herdeiros do Social Gospel protestante, que nos anos 60 buscaram na Bíblia um guia para desobediência civil e uma simbologia revolucionária.¹⁸

O detalhamento do caso da NACLA, que não é objeto central do livro de Green, pode ilustrar bem esse caminho, bem como as relações específicas com o Brasil. Criada em Nova York por estudantes, em alguns casos filhos de missionários na América Latina e envolvidos especificamente com a República Dominicana, logo após a intervenção norte-americana neste país e o aumento dos efetivos norte-americanos no Vietnã, a NACLA mobilizou interessados em denunciar e inibir as ações do governo e das grandes corporações norte-americanas na América Latina. No site da organização explica-se a origem do termo “Congresso” pela aproximação com o Congress of Unrepresented People, organismo que integrava pacifistas, ativistas vinculados a lutas pelos direitos civis, sindicalistas e outros, numa alusão ao não reconhecimento das instituições nacionais e do discurso dominante sobre a identidade nacional norte-americana.

Os primeiros momentos da organização foram marcados pela divisão entre os que defendiam uma perspectiva mais militante e ativista, com o objetivo de sensibilizar a opinião pública e pressionar no sentido reformas na política externa americana para a América Latina, participando e interferindo em debates, comissões parlamentares e campanhas políticas, e uma linha mais acadêmica, dedicada a produzir pesquisas e

¹⁸ Gish, Arthur G. *The New Left and Christian Radicalism*. Grand Rapids, Michigan, William B. Eerdmans Publishing Company, 1970.

reunir informações sobre a região. De certo modo as duas vertentes foram conciliadas. Além da promoção de conferências e workshops, em 1967 a organização iniciou a publicação de um boletim um tanto rudimentar, que em 1971 se transformou numa revista impressa e ilustrada – o *Nacla Report on the Americas*, que afirma ser o mais lido periódico de língua inglesa sobre a América Latina. Muito embora os responsáveis pela revista tivessem formação acadêmica, a idéia era construir um produto que não fosse um periódico acadêmico pesado, mas também não fosse uma mera reportagem de ocasião. Para compor dossiês temáticos ou *country studies*, seus redatores viajavam para colher dados e estabelecer contatos com organizações, movimentos e intelectuais nos diferentes países da região, convidando-os muitas vezes a escrever na revista, que também publicava artigos ou discursos de líderes políticos e lideranças religiosas de esquerda, e depoimentos de vítimas de tortura, mantendo-se o anonimato com vistas a preservar suas vidas¹⁹.

A NACLA e sua revista efetivamente se transformaram numa referência para estudantes, jornalistas e interessados na região. Com freqüência seus integrantes eram chamados a participar em debates em instituições de ensino, programas de rádio e televisão, confrontando muitas vezes funcionários do Departamento de Estado e outros representantes do governo. Um dos episódios mais realçados na história da organização é a afirmação de Allende, em entrevista à imprensa depois do famoso discurso nas Nações Unidas em 1973, de que se alguém quisesse saber o que estava acontecendo no Chile, deveria ler o *NACLA Report*.

Mas o ativismo da NACLA não se expressava apenas nas pesquisas e textos publicados na revista..

Desde o princípio a NACLA congregou grupos bastante diversos, como pode demonstrar o relato de um encontro ocorrido em fevereiro de 1967, com a presença de 85 pessoas²⁰. Além de professores e jornalistas, estavam presentes militantes de grupos como AFSC²¹, Movimento Cristão Universitário, Liga Internacional das Mulheres pela Paz e Liberdade, Clubes Du Bois, SNCC, SDS-, grupos pacifistas diversos, representantes de organizações sindicais, ex-voluntários da paz na América Latina. É

¹⁹ Oliveira, Adamaris, “Letters from a Brazilian Woman”; “Testimony of an Argentine Revolutionary”; “Public Talk By The Archbishop Dom Helder Camara of Recife, Brazil”, *NACLA Report*, fev. 1967, p.2; “US Committee for Justice to Latin American Political Prisoners”, *NACLA Report*, mar/1967.

²⁰ Este encontro é descrito e comentado em dois artigos -Goff, Fred. “February 11th NACLA Meeting” e Tyson, Brady. “NACLA as Coalition”. In: *NACLA Newsletter*, vol. 1, n.2, março de 1967.

²¹ *A American Friends Service Committee* é uma organização que, embora criada por religiosos da denominação *quaker*, admitia indivíduos de qualquer credo dispostos a realizar trabalho social.

importante mencionar que estudantes e professores latino-americanos também estavam presentes. Significativamente, o encontro foi encerrado com a fala de Dom Helder Câmara. Vale mencionar que D. Helder realiza várias viagens ao exterior com objetivo de tornar públicas suas críticas ao regime brasileiro. O *Nacla Report* reproduz diversos discursos do religioso, proferidos em Igrejas e outras instituições nos EUA, contribuindo para sua transformação em símbolo das lutas contra ditadura no Brasil.

O empenho da organização em criar laços com intelectuais e ativistas latino-americanos era acompanhado de uma clara rejeição da perspectiva salvacionista, considerando-se que, antes de ajudar os revolucionários latino-americanos, os norte-americanos deveriam aprender com eles para tentar mudar o seu próprio país. Alguns defendiam que o êxito das revoluções na América Latina dependeria de mudanças nos EUA, da capacidade de mobilização contra o chamado complexo industrial militar e suas conexões nas universidades. Era fundamental esclarecer e demonstrar para alguns setores - especialmente o movimento sindical – os fatores sistêmicos e conexões entre os problemas internos e externos²². Àquela altura, quando nem mesmo a retórica da Aliança para o Progresso era utilizada pelo governo, temia-se a “vietnamização” da América Latina, ou seja, o aumento do uso da força militar – de forma direta ou indireta - para manter o status quo e os interesses norte-americanos na região. A despeito desse temor, a utilização da violência como instrumento de luta provocava polêmica, como de resto acontecia em outras organizações de esquerda dentro e fora dos EUA nesse momento.

Em diferentes registros, nas matérias do *NACLA Report* e nas memórias posteriores dos fundadores da organização²³, fica clara a repercussão dos dilemas e embates entre democrata-cristãos e dos cristãos marxistas latino-americanos.

Com a experiência do Chile, os democrata-cristãos e a perspectiva confessional na política passou a enfrentar a oposição dos que se apresentavam como socialistas e defensores da participação em partidos e movimentos de esquerda seculares na América Latina. O exemplo do padre colombiano Camilo Torres, que criou uma Frente Popular e depois, decepcionado, se engajou na luta armada, morrendo numa emboscada, foi

²² A partir da metade dos anos 70, o foco nas questões internas aumentaria.

²³ Fred Goff era filho de missionários presbiterianos e não abandonaria sua identidade e perspectiva religiosa; Richard Shaull havia sido missionário presbiteriano na Colômbia e no Brasil; Brady Tyson integrava a SCLC – Southern Christian Leadership Conference, organização criada por Martin Luther King Jr; Margaret Flory era ligada ao Movimento Cristão Universitário; organizações cristãs canadenses também são citadas em Shapiro, Helen. “*NACLA Reminiscences: an Oral History*”, In: *NACLA Report*, set/out. 1981.

enaltecido pela NACLA²⁴. Assim, o “camilismo” na República Dominicana e na Argentina – onde os “Padres do Terceiro Mundo” foram alvo da violenta repressão pelo governo militar e os “Cristãos pelo Socialismo” do Chile tiveram líderes entrevistados e documentos transcritos pelo NACLA Report²⁵. Vale mencionar que a revista tenha reproduzido também trechos de um discurso proferido por Fidel Castro para 140 padres no Chile por ocasião de sua famosa visita a Allende, considerando que os cristãos revolucionários eram aliados fundamentais na luta pelo socialismo na América Latina e que qualquer revolução na região sem a sua participação seria parcial²⁶.

Desse modo fica nítido que a NACLA acompanhava a radicalização da esquerda latino-americana²⁷, e também da esquerda cristã latino-americana, o que reforça a idéia de que os movimentos de esquerda nesse contexto tinham uma feição e uma dimensão efetivamente transnacional. O intercâmbio entre militantes de organizações diversas de diferentes países fomentou a reconfiguração de alianças e identidades com base em referências nacionais, religiosas e políticas.

O marxismo, as teorias da dependência e do imperialismo, incluindo questões relativas ao imperialismo cultural se transformaram em paradigma, em grande parte pela influência de autores latino-americanos²⁸. A perspectiva normativa e hierárquica e o gritante etnocentrismo da Teoria da Modernização que guiara a Aliança para o Progresso foi intensamente criticada. As próprias condições da assistência internacional revelariam o quanto se organizavam em função de interesses econômicos de grandes corporações e dos objetivos de contra-insurgência. Os projetos na Amazônia e no

²⁴ Camilo Torres ficou conhecido como o “Che do catolicismo”. Depois de se ordenar sacerdote em 1954, Camilo foi enviado pela Cúria de Bogotá a estudar sociologia na Universidade Católica de Louvain, na Bélgica. Ao retornar à Colômbia, já assumindo um ideário político mais radical, funda com o historiador Orlando Fals Borda, na Universidade Nacional da Colômbia, o primeiro curso de Sociologia. Em 1965, pede exoneração de suas obrigações sacerdotais e ingressa no Exército de Libertação Nacional. Depois de morto na selva pelos militares colombianos, seu corpo desapareceu e apenas recentemente foram revelados detalhes do destino que lhe foi dado. Ver <http://www.elnuevoherald.com/ultimas-noticias/v-fullstory/story/424627.html>, consulta em 13/04/2009.

²⁵ “Latin American Christians in the Liberation Struggle”, In: *NACLA Report*, mar. 1972.

²⁶ Idem, p. 16.

²⁷ Em relação ao Chile a revista se coloca inclusive ao lado do MIR e integrantes de outros movimentos que apoiavam a radicalização e não a via mais moderada de Allende. De todo modo, importava defender a experiência chilena da intervenção norte-americana. Depois do golpe a revista dedicou números inteiros a denunciar a participação direta dos EUA, denunciar lobby conservador na mídia norte-americana e a dar voz a líderes da esquerda chilena. “Chile and Socialism”, *NACLA Report*, maio 1972; “Facing Blockade”, *NACLA Report*, jan. 1973; “The Story Behind the Coup”, *NACLA Report*, out. 1973; “Chile: The People Will not Forget Their Victories Nor Pardon Their Assassins”, *NACLA Report*, maio/ 1975; “Chile Lobby: Right Wing Gorillas”, *NACLA Report*, set/1977.

²⁸ É significativo que em 1971 a *NACLA Newsletter* tenha passado a se chamar *Latin America & Empire Report*. Em fevereiro deste ano foi publicado artigo “Dependency: A Latin American View”, discutindo as diferentes linhas teóricas a respeito do desenvolvimento e da dependência.

Nordeste são destacados neste sentido, mencionando-se o conluio entre os ministérios brasileiros da Agricultura e da Ciência e Tecnologia e think tanks americanas como a Rand Corporation e o Hudson Institute para o mapeamento das riquezas minerais brasileiras, e exploração econômica, a despeito do impacto ambiental e mesmo do risco de internacionalização da Amazônia. O projeto RADAM é discutido em mais de uma ocasião, como também as operações da Hanna Mining Company, beneficiada pela legislação de exploração mineral aprovada no Brasil. No Nordeste, denuncia-se programas de assistência rural financiados pela USAID, cujo objetivo seria na verdade preservar o latifúndio e conter o movimento de trabalhadores rurais, através de realocação forçada, comparando-se os projetos brasileiros aos levados a cabo anteriormente na Nicarágua, nas Filipinas, e no Vietnã, no início dos anos 60²⁹.

Nos registros das reuniões e nos artigos publicados sobre o Brasil no *Nacla Report* destaco, entre brasileiros, os economistas Paul Singer, Theotônio dos Santos, Rui Mauro Marini³⁰, e referências a Fernando Henrique e Enzo Falleto; Hermano Alves, jornalista deputado federal pelo MDB, exilado após o AI-5, bem como menção aos livros de Marcio Moreira Alves; entre os acadêmicos americanos, Peter Eisenberg e Jim Green³¹

A NACLA teve uma participação importante nos de comitês de solidariedade a presos políticos e imigrantes, ao longo das décadas de 60 e 70 e nos 80 empenhou-se na campanha de solidariedade a Nicarágua e a El Salvador, enfatizando uma vez mais a necessidade de combater a política e o discurso governamental sobre a América Latina

O ponto de partida foi a crítica da chamada Doutrina Mann. Em 19/3/1964, dias antes do golpe no Brasil, o Departamento de Estado, emitiu nota em que afirmava que embora a devoção dos EUA pela democracia fosse um fato histórico, por outro lado a política dos EUA em relação a governos não-constitucionais seria guiada pelos interesses nacionais e pelas circunstâncias peculiares a cada situação. Por mais de uma vez, porta-vozes do governo americano respaldaram os governos latino-americanos denunciados, afirmando que se tratava de excessos isolados que estavam sendo investigados ou apelavam para a idéia de que não cabia aos EUA intervir em assuntos internos de países, ainda mais na América Latina, cuja cultura seria avessa à

²⁹ Eisenberg, Peter. "Usaid Spurs Population Relocatin in Northeast Brazil .NABR196803

³⁰ Santos, Theotônio. "Brazil: Unmasking the Miracle", *NACLA Report*, jul.1977, pp.6-14 ; Marini, Rui Mauro. "A new face for CounterRevolution", *NACLA Report*, jul.1977, pp 3-5..

³¹ Liberalization on Trial: The worker's Movement NABR197905 (2)

democracia. A Doutrina Mann pode ser vista, efetivamente como um ponto de inflexão em relação à perspectiva difusionista da Teoria da Modernização, base da Aliança para o Progresso, que deixou de ter qualquer efeito prático, se é que teve algum, a partir deste momento.

É preciso lembrar, no entanto, que a idéia dos EUA terem sido fundados sobre valores universais em relação aos quais deveria se postar como guardião, o que implicaria numa política externa guiada por ideais e não interesses, de maneira geral, tornava menos popular a defesa tão franca do pragmatismo nas relações com governos que desrespeitavam direitos humanos de forma cada vez mais flagrante. Esta é uma das razões que podem ser levantadas para explicar o fato de que, mesmo sendo numericamente inexpressivos, os ativistas que se dedicaram à causa dos direitos humanos tenham sido bem sucedidos.

Na segunda metade da década de 70 os ativistas dedicados aos direitos humanos se transformaram no grupo de pressão mais ativo em Washington. Shoultz³² fala em 80 grupos voluntários dedicados aos direitos humanos no terceiro mundo, sendo 15 voltados especificamente para a América Latina. Entre esses, há que se destacar o papel da WOLA - Washington Office on Latin America e da COHA - Council on Hemispheric Affairs e da já citada LASC - Latin America Strategy Committee, que tinha por base grupos religiosos. No conjunto, esses grupos, herdaram não apenas a experiência, mas quadros de organizações constituídas em função da guerra no Vietnã. Merece menção também o fato de que algumas organizações que tiveram papel ativo na luta pelos direitos civis desde a década de 40, se engajaram nessa nova causa, que cumpriu um importante papel de reaglutinação e, de certa forma, na reorientação dos movimentos políticos de cunho liberal left. Segundo Shoultz³³, a maioria dos ativistas se identificava como reformistas radicais, mas não negava, ao contrário afirmava a importância da democracia participativa e do pluralismo político, tendo como alvo inicial o próprio Congresso.

Ao ser assumida pelo governo Carter, a causa dos direitos humanos se difundiu. Após o fim do governo Carter e a retomada da ortodoxia anticomunista com Reagan, a resistência e o ativismo foi retomado como forma de denunciar o apoio do governo dos EUA a ditaduras brutais, como a de El Salvador, as agressões e uma possível invasão da

³² Shoultz, Lars. Human Rights and United States Policy toward Latin America. Princeton, Princeton University Press, 1981p. 75

³³ Ibidem, pp. 88,89.

Nicarágua sandinista. A dimensão e o perfil político desse movimento pacifista dos anos 80 foram objeto central de Smith³⁴. O autor demonstra que o movimento pacifista que se constituiu nesta década ao redor da América Central não foi um movimento unificado, mas teve difusão, potência e duração consideráveis, podendo ser considerado o maior movimento político da década de 80, período de afirmação do conservadorismo em varias esferas. Vale frisar que a desobediência civil também foi largamente aplicada, uma vez que se desafiava a legislação de imigração, ao organizar-se o transporte e abrigo de refugiados. As prisões de militantes, inclusive lideranças religiosas, não arrefeceu o movimento, ao contrário. A organização Witness for Peace, por exemplo, conseguiu que mais de 4.000 cidadãos se dispusessem a ir às zonas de guerra da Nicarágua, de modo a observar em primeira mão as conseqüências da guerra patrocinada pela EUA. A Pledge of Resistance mobilizou 80 mil pessoas, em manifestações em mais de duzentas cidades e 42 estados. O movimento pacifista no conjunto levou a que dezenas de milhares descumprissem leis estaduais e federais, resistissem à polícia, levando 10.000 à prisão por desobediência civil não violenta.

Portanto, amparada em pesquisas anteriores de James Green, Lars Shoultz, Christian Smith poderíamos chegar a algumas conclusões:

1) a relação de continuidade entre movimento pelos direitos civis, o movimento pacifista e movimentos em favor dos direitos humanos na América Latina e no Brasil sugere um fundo comum do ponto de vista moral e político, que qualificou-se aqui de cultura política liberal-left;

2) a disposição dos liberais norte-americanos em relação à América Latina e no Brasil não se limitou a apoiar projetos modernizadores etnocêntricos;

3) para além dos movimentos sociais, no interior do Partido Democrata, como constatou Green³⁵, o número dos que apoiaram a causa dos direitos humanos na América Latina não foi menor do que os que se opuseram à guerra do Vietnã e ao discurso anticomunista;

4) a presença de organizações religiosas foi extremamente importante nesses movimentos, mostrando que, a moral religiosa fomentou uma perspectiva de ativismo e de critica social que tem longa tradição nos EUA, perceptível não apenas nos mais notórios movimentos do abolicionismo e dos direitos civis nos anos 50 e 60. Antes e

³⁴ Smith, Christian. *Resisting Reagan: The U.S. Central America Peace Movement*. Chicago, The University of Chicago Press, 1996.

³⁵ P. 339

mesmo durante a emergência da Maioria moral e do fundamentalismo evangélico conservador que compôs a aliança neoliberal de Reagan, inúmeros grupos religiosos, protestantes e católicos, mobilizaram-se por pautas políticas progressistas.

5) reforçando a tradição nativa, o movimento progressista na Igreja Católica Latino-Americana serviu como referência não apenas para católicos liberais, mas para a nova esquerda nos EUA como um todo, religiosa ou não. Por outro lado, Martin Luther King inspirou católicos na América Latina e sua organização apoiou formalmente a luta pelos direitos humanos na América Latina, e a tomada de posição neste sentido começou pelo Brasil³⁶;

6) a despeito de uma clara oposição entre velha e nova esquerda no início dos anos 60 e entre essas e os liberais, houve a possibilidade de recomposição entre diferentes correntes e grupos políticos em torno de estratégias e objetivos comuns, entre eles, e com importância considerável, a oposição à política externa para a América Latina;

7) a atração e mobilização em torno da América Latina não se limitou à década de 60; a tão propagada fragmentação e refluxo dos movimentos sociais e políticos nos anos 70, não se verificou no que diz respeito à América Latina. A campanha pelos direitos humanos e a denúncia da política externa para região se consolidou ao longo desta década e se intensificou durante os anos 80;

9) paradoxalmente, a mobilização de governos democratas e republicanos para conter os processos de mudança social e política e fazer passar seus planos de intervenção de baixa e alta e intensidade mobilizaram a opinião pública para os assuntos latino-americanos;

10) a América Latina continua a ocupar lugar considerável nas páginas de jornais liberal-left e algumas organizações e think tanks com a NACLA e seu periódico se mantém atuantes por mais de quatro décadas.

A imigração de latino-americanos, e o candente debate sobre a legislação sobre o assunto, além das mudanças políticas e econômicas que se operam na região, cujo peso relativo na cena internacional cresce significativamente, não deixarão promover intercâmbios e conseqüentemente, espera-se, a redução do estranhamento e dos estereótipos que tanto nos distanciaram.

³⁶ Green, p. 226.

Para concluir, vale frisar que além de sofrer a influência do contexto internacional e das políticas governamentais, o debate sobre a América Latina traduz o confronto entre correntes político-ideológicas vividos pela sociedade norte-americana. Assim sendo, não há como aceitar a idéia de que a política externa norte-americana para a região reflete um imaginário social e acadêmico impermeável a qualquer mudança. Essa construção histórica que realça o consenso, especialmente no campo da política externa, não dá conta de explicar os conflitos que marcaram a história norte-americana. Nas décadas de 60 e 70, esses conflitos não se limitaram aos protestos contra a guerra do Vietnã. A América Latina afigurava-se igualmente como um campo de provas.